

A VIDA SECRETA DE
**VALDIR
MARTELO**



ROGÉRIO ABRAHÃO

A VIDA SECRETA DE
**VALDIR
MARTELO**



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2024

Copyright © Rogério Abrahão, 2024

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

REVISÃO

Bianca Gulim

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Fábio Dantas

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Abrahão, Rogério

A vida secreta de Valdir Martelo / Rogério Abrahão – 1ª
edição – São Paulo: Coerência, 2024

ISBN: 978-85-5327-238-9

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Drama I. Título



Grupo Editorial
coerência



parceria
coerência

Centro Empresarial Jaguari | Avenida Marcelo Stefani, 15

Módulo 60 | Bragança Paulista | SP | 12914-490

www.editoracoerencia.com.br

Tel.: (11) 9.8020-0810

NOTA DO AUTOR

Quando, enfim, em 2022 foi publicado o meu primeiro livro, *O manifesto de um inocente*, deparei-me com uma nova realidade, um impulso para apresentar as minhas outras obras, que já estavam em andamento havia anos. Dediquei-me, arranjei tempo além das 24 horas, submeti-me ao exílio voluntário e foquei-me. Abandonei amigos, lazer, descanso e minha própria família. Entretanto, não encontrava o êxito esperado. As coisas não avançavam. Algo me bloqueava apesar do meu engajamento. Para quem, como eu, ama escrever, sabe muito bem o que é o sentimento de fracasso, de procrastinação. Minhas outras quatro obras ficaram paralisadas sem um motivo aparente. Foi horrível!

E foi dessa angústia que nasceu *A vida secreta de Valdir Martelo*.

Um Valdir que existiu, que me deu em sonho a permissão de fazer de sua existência uma obra. Ficção que se mistura com a realidade de um ser único repleto de lendas e contrariedades enquanto esteve conosco.

Confesso que me sinto o coautor desta obra, pois sei que Valdir, seja em meus sonhos, ou nos meus momentos de distração (a voz em meus “ouvidos”), ou durante a digitação diária desta obra me influenciou assertivamente, provocando viés na sua história.

A vida secreta de Valdir Martelo deve ser lido como uma homenagem a alguém muito maior do que o próprio mundo. Do contrário, não fará sentido.

A você, Valdir! Que seu espírito continue visitando este seu insígnificante amigo...

1

A VILA PERDIDA NO MEIO DO NADA

Nos seus solitários quinze anos, Valdir caçava passarinhos em uma terra árida e infértil, onde o sol maltratava o solo e a pele dos infelizes habitantes. Terra de fome, de sede, de sonhos e vãs esperanças.

Cansado, após lançar os animais mortos sobre o chão seco, abrigou-se sob uma árvore e sentou-se para comer uma fruta murcha que achara caída minutos antes. Abandonado em sua alma, encostado no tronco desconfortável, com a brisa quente em seu rosto, no leve balançar de seus vastos cabelos sentiu um relaxar de músculos que o fez lutar para manter os olhos abertos em uma tênue linha entre a clareza das sensações e a prazerosa entrega às misteriosas vozes que ocupavam sua mente. Pouco a pouco, o corpo esqueceu o calor, e suas percepções voltaram-se à inconfundível marcha acelerada do sangue em suas veias.

Sua pele parecia vibrar em sincronia, e uma agradável mudança em seu rosto, então, foi o centro da sua atenção. Os dentes ganharam volume, e sua língua já dava sinais de que não caberia em sua boca. Era como se todo o seu ser estivesse na iminência de deixar o plano carnal.

Já sentira isso em outras ocasiões, sempre no início do sono, entretanto, como em todas as outras vezes, prestes ao ápice, voltou a sentir os estímulos à sua volta. Recompondo-se, algo chamou sua atenção sobre os galhos que pertenciam à assimétrica árvore. Escutou um som e ficou observando duas aves que iam e vinham, no preparo ao ninho à futura cria, que logo abriria a boca desejando a todo o tempo o alimento que a faria

ganhar forças e abrir as asas para o primeiro voo — um romper de vida, uma eclosão dos mistérios de Deus naquela terra tão desprovida de tudo.

O garoto matutava sobre o porquê de tanta escassez naquela região, um verdadeiro desastre e privações, cercada por outras tantas terras de significativa fartura. O menino pensava, relembrando as palavras de seu pai, que ali viviam sob algum tipo de purgatório. Algum veredito divino caíra sobre todos do povoado para condená-los à falta de alimentos, ao trabalho penoso, à falta de cores vivas e ao quase abandono.

Valdir sabia que não era isso. Havia tempos que se questionava, avaliando sua responsabilidade sobre o fracasso de seu vilarejo.

Hipnotizado, ainda com os olhos vidrados nos pássaros, sentiu uma conexão profunda com tudo à sua volta. Em uma fração de segundos só houve silêncio, como se toda a natureza fragilizada compadecesse de seus pensamentos. Outra vez, porém agora perfeitamente lúcido, sem sofrer com o clima quente, deixou que aquela sensação nos dentes explodindo em sua boca enfim encontrasse algum significado à vida árida, que ainda não compreendia.

De súbito, um arrepio subiu por sua coluna, e ele teve uma ideia, uma epifania. Olhou as aves que abatera com seu estilingue e levantou-se sem pressa.

— Nunca mais! — disse a si.

Recompondo-se por completo, abandonou a sua caça, guardou a sua arma e deu uma última observada nos pássaros sobre os galhos.

— É isso! — falou sorridente e correu para o vilarejo.

Pelo caminho, encontrou alguns pedaços de tábuas velhas e juntou-as. Na venda do velho Tadeu, suado e coberto pela poeira da estrada, ganhou a atenção dos homens que bebiam as suas desgraças.

— Pra que isso, Valdirzinho? — perguntou o dono do comércio assim que o garoto colocou as madeiras sobre o deformado balcão.

O homem esperou que ele se refrescasse com alguns copos de água.

— Padrinho, o senhor gosta de passarinhos, certo? — ainda com a respiração acelerada, perguntou.

— De alguns, sim, como esses aqui. — E apontou para as várias gaiolas.
— Você mesmo é um dos que me trazem os bichinhos.

Limpendo o suor que escoria da testa, prosseguiu:

— Toda vez que minha arapuca pega um bonito, trago aqui e o senhor me dá alguma coisa pra eu levar pra mãe, certo?

— Sim... — respondeu ressabiado, olhando para os outros homens que acompanhavam a conversa.

— Então, com meu estilingue — e retirou o objeto da bermuda — acerto os feios e mais gordinhos, e levo pra minha mãe, certo?

— Acho que sim...

— E esse estilingue e as arapucas foi o senhor que me deu, certo, padrinho?

O homem serviu mais uma dose para o que estava ao lado e reclamou:

— Fala logo o que você quer, meu filho!

Valdir, pouco a pouco, atraía o comerciante para onde queria:

— Seu bar é o único da vila e de todo o caminho até o Vale dos Riachos. Da cidade até lá, são umas cinco horas de caminhonete boa e umas seis com os ônibus dos turistas, certo? E vindo da cidade, tem quase três horas até passarem por aqui.

— Sim... Com essa estrada não dá pra correr, arrebenta tudo. É suspensão, pneu que fura, motor que aquece e carro que cai nas valas. Muito prejuízo pra quem passa por aqui, e muita reclamação dos turistas, que às vezes ficam o dia todo no meu bar esperando por ajuda.

A esposa do dono da venda, curiosa com o desenrolar da conversa, deixou os fundos da casa em que moravam e juntou-se a eles.

— Continua, Valdirzinho — pediu ela.

— Bença, madrinha! — A mulher, com um leve sorriso o abençoou e fez um gesto com a cabeça para que concluísse o seu raciocínio.— Os turistas param aqui pra beber água e usar o seu banheiro, certo?

— Sim! — o homem respondeu, irritado. — Fala logo o que você tá querendo!

O garoto já estava no meio de uma roda que se formara.

— E o senhor, padrinho, ganha dinheiro com eles?

– Uma ninharia! E os estrangeiros são os piores... Só querem cagar e ainda reclamam da minha privada.

– O senhor já parou pra pensar no porquê eles não deixam mais dinheiro aqui?

– Claro! É porque são um monte de nariz empinado, e que acham que são gente mais do que a gente!

– Errado!

A turma em volta de Valdir gargalhou, motivados pela resposta audaciosa. O velho Tadeu, já do lado de fora do balcão, perdeu a paciência:

– Fala o que quer agora, meu filho, e dá um sumiço nesse monte de madeira seca que você deixou aqui em cima!

– Não fala assim, não, meu Tadeu! Valdirzinho é bom menino! – pediu ao marido.

O garoto sorriu e o provocou outra vez:

– E se eu contar como pode ganhar mais dinheiro com cada viajante que passa por aqui, padrinho?

Dessa vez, o dono da venda, lançando ao ombro o pano usado para limpar o balcão, entortou o pescoço e fez um bico em espera pelo raciocínio do garoto. Valdir mostrou-se contente e falou:

– Gastam pouco e ficam pouco porque não têm nada pra fazer aqui. E essas marcas de pés nas paredes enfeiam o lugar.

Dois rapazes encostados perto de uma das portas, com suas camisas abertas, disfarçaram e colocaram as pernas totalmente na vertical e, com discrição, olharam as marcas das botinas que em décadas se acumulavam.

Curiosa, a madrinha do menino pediu:

– Continua, filho.

Já do lado de fora da venda, Valdir convidou-os a fazerem o mesmo. Assim, todos o seguiram e se juntaram sob o telhado retalhado da varanda, que se estendia por toda a fachada do prédio e onde estava a velha mesa de bilhar.

— Aqui é o único lugar do vilarejo que tem esse monte de árvores altas, certo? — Apontou para elas.

— Sim. O açude não é muito fundo, mas ajuda um pouco esse solo.

— E, mesmo com as folhagens fracas, dão boa sombra, certo? Só que parecem que não têm vida, padrinho! Vamos fazer várias caixas e pendurar sobre os galhos, vamos limpar o mato alto e fabricar bancos. Nesses troncos, padrinho — e indicou alguns —, uns bonitos balanços... Vamos plantar novas mudas, e de frutas também. Vamos pedir sementes de flores pras pousadas do Vale dos Riachos...

— E pra que tudo isso? — perguntou um dos frequentadores da venda.

— Deixa ele explicar, minha gente! — interrompeu a esposa do comerciante.

Respeitando-a, Tadeu, dessa vez com delicadeza, pediu para que o afilhado continuasse a falar.

— Aos poucos, os pássaros entenderão pra que servem as caixas e trarão novas vidas; por sorte, algumas coloridas. Com a ceva diária, nunca mais irão embora e sempre terão novos ninhos. Com tudo florido, os viajantes vão querer descansar nas sombras, vão tirar fotos das flores e as crianças brincarão nos balanços. Nesse descanso provisório, beberão mais cerveja, fumarão o seu cigarro, pedirão por refrigerante, comerão seus pacotes de bolachas, e a madrinha — olhou para a mulher — pode começar a fritar mais dos seus deliciosos croquetes!

Todos ficaram espantados com o raciocínio do moleque de pai e mãe simples, e pelas palavras ditas como se fosse homem maduro. Contento, a mulher elogiou-o:

— Bem que a professora sempre fala que você é espertinho e bom aluno, meu filho, e que é dedicado e aprende fácil!

O garoto surpreendeu ainda mais:

— Padrinho, vamos pintar as paredes de fora de amarelo, e as portas e janelas de vermelho. Chama a atenção! Mete tinta branca nas pedras grandes, que tão por tudo quanto é canto. Dentro, tinta mais escura pra

disfarçar as paredes ruins. O balcão deixa como tá que dá charme! Aqui onde a gente tá, aumenta essa mesa de madeira e faz bancos maiores. Família gosta de ficar tudo junta! Pega esse monte de cachaça da cidade e joga fora. Coloca prateleiras mais baixas e deixa só as que são do alam-bique daqui, pros turistas poderem pegar na mão. Vende como se fosse algo tradicional da nossa vila.

— E não é? — reclamou um dos homens.

— Que mais, Valdirzinho? — perguntou Tadeu, já entediado.

— Tem que melhorar o banheiro daqui de fora. Do jeito que tá não dá! Com a mão no ombro do afilhado, o homem desabafou:

— Você é muito novo, meu filho. E seu pai, e não se ofenda, ia ficar bravo com você! O que ele ia achar do filho falando assim, como se tudo fosse muito fácil? E a Sueli, sua mãe? É uma excelente boleira, mas coitada! Vai achar que o filho endoidou de vez! E sua irmã? Aposto que também vai achar essa história coisa de doido! E daí, pergunto a você, Valdirzinho: de onde tirou tudo isso? Você, meu filho, devia ser mais pé no chão. Acha que dinheiro cai do céu? É tão escasso como a chuva nessa época! E esses — chamou a atenção dos conhecidos — sabem muito bem do que tô falando. Mal pagam as dívidas aqui, que só se acumulam... Me mostra como fazer tudo isso! Boas ideias, mas não pensou nos recursos, meu filho!

— Pensei, sim!

Surpreso, Tadeu riu. Outros fizeram o mesmo.

— Então conta pra nós a sua fabulosa solução!

E Valdir, ao apontar para o mais próximo, começou:

— Seu Dirceu, o senhor foi o responsável pela turma que reformou o galpão dos tratores, lá da sede rural, e o refeitório da escola, certo? Tá devendo dinheiro pro meu padrinho... Pode quitar a dívida com as tintas que sobraram e tão estragando lá. Tem amarelo, vermelho, preto, branco, cinza e mais um montão de cores.

— Tá bem informado, garoto! — disse ele em tom jocoso.

— As madeiras pros bancos, pra nova mesa, pras prateleiras e pros balanços traz o senhor. — Olhou para o rapaz que era irmão do dono da

única madeireira daquela região. — Também tá devendo aqui! — Houve um princípio de reclamações diversas e o menino salientou, pedindo ajuda com o olhar: — É, foi a madrinha quem disse! O caderno tá cheio de nomes!

Foi a vez do rapaz reclamar direto com a esposa do dono da venda.

— É alguma mentira? — perguntou ela.

Valdir continuou:

— O senhor, seu Venâncio, pode trazer a sua roçadeira e fazer a limpa no terreno.

— Eu não devo nada pro Tadeu! — logo se defendeu.

— É verdade! Mas quando brigou com a dona Lourdes morou no quartinho do bar por mais de mês, certo? Tá na hora de agradecer!

O dono da venda começou a exibir um sorriso largo. Prosseguindo, o garoto voltou-se à roda de homens, notando que alguns evitavam olhá-lo diretamente.

— E vocês — apontou para os irmãos — podem aproveitar a próxima ida na cidade com o caminhão da fazenda e trazer telhas novas pra essa varanda!

— E quem vai pagar por elas? Nem temos tanto fiado assim!

— O que passar o padrinho deixa de débito pra gastarem aos poucos. Vocês são os que mais frequentam aqui, passam pra beber uma cachaça, conversar, usar o bilhar e comer os croquetes da madrinha. Ganham um bom salário do patrão de vocês!

— E você, Valdir? Vai ajudar com o quê? — perguntou o outro irmão.

— Trago adubo, monto as caixas pros passarinhos, planto as mudas, conserto as coisas. Meu pai vem ajudar! E, quando a terra tiver preparada, peço as sementes das flores pra dona da pousada Rio Limpo, que sempre passa em casa pra deixar as coisas pra minha mãe arrumar. Vai ser fácil!

Com os braços agitados em um vai e vem, o dono daquele comércio pediu para o afilhado parar:

— Tá bom, tá bom! Muito bom e bonito isso tudo, Valdirzinho! Mas, mesmo que eu convença essa turma toda a ajudar com isso, quem vai

manter tudo no dia a dia? Não tenho mais saúde pra isso, e minha velha tá cansada também! Não tá, Jeta?

A mulher concordou com o balançar da cabeça.

— Todo mundo vai ajudar, padrinho! — falou, feliz. — Gratidão a vila inteira tem pelo senhor e pela madrinha. O mais endividado aqui é o senhor mesmo! O pessoal pega de tudo: arroz, feijão, farinha, óleo, o pó pro café, sabonete, bucha, fósforo, papel higiênico, juta, diesel, gasolina... E, quando o caminhão traz as coisas frescas da cidade, vem todo mundo louco pra levar pra casa, mas acaba deixando tudo fiado. O seu caderninho só aumenta, certo? E tem mais, pessoal! — Chamou a atenção de todos. — Se a gente não melhorar essa parada de descanso, logo não terá cachaça, mesa de bilhar, croquete da madrinha, mantimentos nem caderninho pra escrever. Vão ter que pegar carona e seguir estrada à frente, e se ocupar lá nas pousadas do Vale dos Riachos.

Foi a primeira vez que o silêncio pairou sobre todos, e começaram a visualizar um futuro mais penoso.

— Aproveita, padrinho — continuou Valdir —, e convence os dois moços que trabalham no alambique a reformarem o banheiro. Não foi o senhor que conseguiu o emprego pra eles? O material o senhor dá!

Ainda sob a mudez geral, o menino voltou a pegar no estilingue.

— Tem uma coisa que o senhor vai precisar fazer, padrinho, e é a mais importante!

— O quê? — perguntou com o semblante pesado.

Todos ficaram com os ouvidos atentos.

— Vai ter que fazer um quadro grande lá na parede de dentro. A madrinha tem letra bonita. Pede pra ela escrever algo do tipo: “AQUI NÃO SE MALTRATA OS PÁSSAROS NEM NENHUM OUTRO ANIMAL. QUEM USA ISSO NÃO É BEM-VINDO”. E pendura esse meu estilingue, algumas arapucas e a sua garrucha velha que o senhor deixa lá no fundo.

— Como? — perguntou, incrédulo.

— Vai ter que dar fim nas gaiolas penduradas, padrinho! No momento certo, vai ter que soltar os bichinhos e parar com a compra de caça também!

– Só pode tá louco esse menino! Onde já se viu?!

– E entrou com a esposa.

Da varanda, viram o homem bater na madeira do balcão e se dirigir até as gaiolas que ficavam em sua área privada.

– Meus passarinhos... Meus passarinhos... — começou a falar com cada um.

Valdir aproveitou aquela ocasião e trouxe todos até o interior da venda.

– Eles não podem responder ao senhor, padrinho! E quando cantam é de tristeza... Todos nós, aqui do vilarejo, também somos tristes, sem futuro. O jeito é melhorar onde a gente tá pra não morrermos de tristeza, também, com o nosso futuro. O que o senhor acha que vai acontecer daqui alguns anos? Se morrer primeiro, vai deixar de herança pra madrinha essa sua propriedade sem vida e a caderneta entupida de nomes? E se ela for antes? — Alguns fizeram o sinal da cruz e olharam para a velha senhora. — Vai se contentar com a companhia de alguns passarinhos presos e tristes? Não tá na hora de viver melhor na companhia da sua Jeta, padrinho?

Os olhos do comerciante e da esposa se umedeceram.

Valdir finalizou aquele fórum após recuperar as madeiras sobre o balcão e entregar a ele o estilingue, convidando todos a respeitarem a privacidade do casal desiludido.

Já afastados, perguntou:

– E aí, pessoal?! Vão querer beber, jogar bilhar e apostar nas cartas lá no Vale dos Riachos? Hoje vou começar a montar algumas caixas!